

[8]

**AS ESCRITAS DO AGENTE:
Um sentir é do sentente;
outro é do sentidor**

Eduardo Loureiro Jr.

Sou um coração batendo no mundo.
Você que me lê me ajude a nascer. Clarice Lispector

Eduardo Loureiro Jr.

Professor, astrólogo e escritor. Formação em Dramaturgia, Licenciatura em História, Mestrado e Doutorado em Educação. Criador da Astrodramaturgia. Autor de livros para crianças, editor do site literário *Crônica do Dia*, bolsista de Criação Literária da FUNARTE e integrante dos grupos *Casa de Autores* e *Os internos do pátio*.

Aquecendo...

Assim como o fofoqueiro não sabe o que fazer se não puder falar da vida alheia, também o professor fica meio perdido se não puder educar, ensinar, treinar, capacitar, ou seja, atrapalhar alguém. Porque, na falta de alguém para atrapalhar, o professor terá que atrapalhar a si mesmo.

A boa notícia é que, como ninguém gosta de ser atrapalhado, o professor descobrirá outra forma de agir em relação a si mesmo, e, ao fazer isso, talvez descubra uma nova forma de agir em relação aos outros. É minha intenção dar algumas dicas sobre isso neste capítulo.

É um capítulo sobre escrita, porque é óbvio que não haveria um Agente de LEITURA se antes não tivesse havido alguma ESCRITA. E é bom nos lembrarmos disso para não correremos o risco de ter Agentes de Leitura que não são, ao mesmo tempo, gente de escrita. Invertendo o ditado: Leu, mas não escreveu, o pau comeu.

A escrita pode ser esse elemento “desatrapalhador” de que estamos precisando. E se você simplesmente ler este capítulo, corre o risco de se atrapalhar. Este é um capítulo prático. Pegue algumas folhas de papel e uma caneta. Mais do que ler, você irá escrever este capítulo comigo. Vá escrevendo à medida que for lendo. Não leia tudo para depois fazer os exercícios. Você não os fará. Largue o livro sempre que for proposta alguma atividade de escrita. Execute a tarefa, depois retome a leitura.

Vamos começar com um aquecimento...

Pegue uma folha em branco e escreva nela o que lhe aconteceu no dia de ontem. Tente incluir o máximo de lembranças, desde seu despertar até seu adormecer. Você pode fazer no formato de uma lista, ou como uma prosa. Pode versejar, se preferir.

Como foi a experiência? Fácil? Difícil? Achou que não tinha acontecido nada interessante no seu dia de ontem? Havia tanta coisa, que não coube em uma só folha? Pensou que não se lembrava de quase nada, mas, na medida em que ia escrevendo, começou a se lembrar de mais coisas? Teve pudor de colocar alguma coisa no papel? Ficou preocupado que alguém pudesse ler o que escreveu? Deu vontade de fazer um diário de agora em diante? Acha que não tem o menor jeito para escrever?

Se tomou gosto, vamos em frente. Se não, vá tomar gosto fazendo outra coisa, depois volte.

Curriculando o agora

Na difícil missão de perder o hábito de atrapalhar, é importante voltar-se para si mesmo, morar em si mesmo, reencontrar-se com a memória, “em mim mora”.

Um boa ideia é fazer um currículo de si mesmo até agora. Não, não se trata de um currículo que LATTES (mas não mordes). É um currículo deste momento, daquilo que lhe trouxe até este agora. Você está na posição de formador de Agentes de Leitura. Como chegou até aqui? Qual o currículo, o curso, o caminho, o atalho que tomou até aqui?

Pegue outra folha de papel. Comece a fazer um diagrama. Você está com este livro em mãos. De quem o recebeu? Coloque o nome dessa pessoa em um quadrado ou um círculo. Como conheceu a pessoa que o entregou? Trace uma linha do quadrado anterior, faça um novo quadrado e, dentro dele, indique, em duas ou três palavras, como a conheceu. Como foi convidado para ser um formador de Agentes de Leitura? Mais um quadradinho para essa informação. Quem o convidou? Outro quadradinho? Que trabalhos ou atividades anteriores você realizou para ser chamado a fazer o trabalho que está fazendo agora? Aqui você pode ramificar e usar vários quadradinhos. Etc., etc., etc.? Desfie o fio do agora com o novelo da memória. Vá fazendo ramificações em seu diagrama até cobrir praticamente toda a folha com o currículo desse seu agora. Observe como esse agora foi construído por suas decisões e contatos.

Agora tome consciência das várias formas de registro de seu currículo. Se você tivesse que comprovar para alguém seu currículo, onde estaria essa comprovação? Para cada quadradinho, identifique, usando uma caneta de outra cor, onde está aquela informação. Você tem o envelope dos Correios em que recebeu o livro que tem em mãos? Se recebeu de alguém, foi gerado um recibo dessa entrega? Mesmo que não tenha nenhum comprovante, você recebeu alguma comunicação por e-mail, por exemplo, de que receberia o livro, ou então escreveu um e-mail acusando o recebimento do mesmo? Será que o livro lhe foi entregue em uma solenidade e há uma foto ou um vídeo desse momento? Ou o recebimento do livro não tem nenhum rastro formal de registro, está apenas em sua lembrança e na das pessoas envolvidas? Seja qual for a resposta, anote. Repita o processo para os demais marcos de seu currículo.

Esse é o registro esquemático de sua história no que se refere ao momento de agora: você lendo um livro de formador dos Agentes de Leitura. Para completar este primeiro momento de escrita, contemple sua folha e procure ver um sentido nesse currículo. Qual o rumo que você está tomando? O que essa sequência de eventos lhe diz sobre sua vida? O que esse cur-

riculo revela sobre você? Qual o mote desse movimento? Qual o lema, o leme de sua navegação que lhe trouxe até aqui, agora? Quando fiz esse exercício, o sentido que descobri foi “do pátio da faculdade para o mundo”. Para outra pessoa, poderia ser “fazendo um milhão de amigos”, “desenvolvendo responsabilidade social”, “ganhando a vida por mim mesmo” etc. Descubra qual o sentido de seu currículo e arranje um espaço em sua folha para registrá-lo em destaque, com letras maiúsculas, como se fosse um título.

Assine a folha antes de guardá-la. Ela é um registro importante de seu percurso, e você poderá consultá-la sempre que o trabalho de formador de Agentes de Leitura lhe parecer pesado ou confuso. Sua releitura pode restabelecer o sentido perdido.

Coletando histórias

Agora que você tem uma pequena memória de si mesmo, no que se refere ao seu papel de formador de Agentes de Leitura, vamos incluir outras histórias no repertório.

Pegue mais três folhas de papel. Ou já está cansado de escrever? Pegue mais três folhas mesmo assim.

Na primeira, escreva um sonho que teve. Pode ser o sonho de ontem para hoje. Ou um sonho repetido que você tem ou costumava ter. Ou um sonho que o marcou bastante. Escreva como quem sonha, sem querer ser muito racional, sem explicar muito. Deixe a mão solta, escreva sem se preocupar com ortografia, gramática, pontuação. Concentre-se em passar para o papel as imagens do sonho.

Na segunda folha, escreva um caso que lhe aconteceu ou que lhe contaram. Uma dessas histórias curiosas ou comoventes do cotidiano. Uma situação em que uma criança fala algo engraçado. Um episódio em que tenha havido uma grande coincidência. Uma quase tragédia que, no finalzinho, se transformou em comédia. Um mico, uma gafe, uma vergonha pública. Escreva como se estivesse falando. Prepare o momento de surpreender quem está ouvindo, lendo. Faça com que o interlocutor ria, ou se emocione, ou se surpreenda na hora certa.

Na terceira folha, escreva um conto (de fadas, de Trancoso) que você tenha ouvido quando era criança. A maioria de nós ainda teve um avô, uma avó ou tios que contavam histórias desse tipo, passadas pela tradição oral.

Até agora, você ouviu a si mesmo, suas próprias histórias. Vamos dar um passo adiante.

Você agora vai coletar um sonho, um causo e um conto de outras pessoas. Registre um sonho de uma pessoa, um causo de outra e um conto de uma terceira. Claro que, para fazer isso, você precisará largar deste livro por um bom tempo. Em vez de ver estas palavras e ler seu significado, vai sair por aí ouvindo pessoas. Garanto que não vai atrapalhá-las. As pessoas normalmente gostam de nosso interesse pela vida delas, pelas histórias que têm para contar. O importante é que você tenha olhos e ouvidos de apaixonado: só veja e ouça seu interlocutor, e com toda a atenção deste mundo, como se ele fosse a única outra pessoa viva na face da Terra.

Boca de forno, forno
Tirando bolo, bolo
Jacarandá, dá
Onde eu mandar, vou
E se não for? Apanha
Remão, remão
Quem me trouxe primeiro...
Um sonho, um causo e um conto de três pessoas diferentes.

Desenhando desejos

Quando a gente vai ao outro com essa intenção de ouvir, em vez de ir com a vontade de formá-lo, controlá-lo, atrapalhá-lo, enfim, os relacionamentos fluem com uma leveza de folha que dança no vento. Você sentiu isso? Teve encontros leves com as pessoas de quem ouviu sonho e causo e conto? Você nem percebeu o tempo passar? Queria continuar ouvindo por mais tempo? Deu vontade de conversar com outras pessoas?

Não?! Ah, coitado... Vá ali fazer algo de que goste bastante e só volte quando estiver mais leve.

Porque quando a gente se encontra realmente com os outros, a gente entra em estado de agitação e começa a ter uma ideia após a outra, em um redemoinho de pensamento que tira até o sono.

Aqui voltamos aos nossos registros. É bom termos sempre papel e caneta por perto. Tem gente que sempre anda com um caderninho de anotações no bolso. Hoje em dia, está

mais fácil. Com um celular, você pode mandar um torpedão, um SMS para si mesmo. Antigamente, quando eu estava no meio da rua e me vinha a ideia de uma canção, eu parava em um telefone público, telefonava para casa e deixava, na secretária eletrônica, minha ideia musical em forma de lá-lai-á, lá-lai-á.

Tente fazer algo parecido por dois dias. Isso mesmo: dois dias sem ler este capítulo. Dobre uma folha de papel o número de vezes suficiente para que ela caiba em seu bolso ou bolsa. E providencie também uma caneta. Nesses dois dias, anote suas ideias. Não tem ideias? Só se você não for gente. A gente tem ideia para tudo: para penteado, para batizado, para bom-bocado, para empregado, para namorado. Vá anotando: “eu bem que podia pintar minhas unhas de verde-limão”, “semana que vem é o aniversário de Maria, eu podia dar para ela um conjunto de panelas ou uma blusa amarela”, “se eu economizar 50 reais por mês, no final do ano dá para comprar...”, “José vai gostar desse livro, vou emprestá-lo a ele” etc. Então vá lá...

Já voltou? Dois dias passam rápido.

Você compartilhou algumas de suas anotações, nesses dois dias, com outras pessoas? O que fulana achou de suas unhas? E sicrano, o que lhe sugeriu para apresentar Maria? E beltrano, acha que vale a pena você economizar o dinheiro?

Você rabiscou desejos nessas anotações. Agora, depois de ouvir, sempre ouvir, os outros, já tem condição de fazer um desenho mais bonitinho. Que tal planejar por escrito? A caneta está para a construção de sonhos assim como a pá está para a construção de prédios.

Pegue aí mais uma folha em branco e, no meio, escreva dentro de um círculo alguma coisa que você gostaria de realizar daqui a alguns meses: uma viagem, um curso, uma compra... Pode ser alguma coisa registrada em seu caderno de anotações anteriormente. Do lado esquerdo dessa coisa, vá escrevendo o que é necessário fazer para que a coisa se realize. O que depende só de você? O que depende dos outros? O que deve ser feito primeiro? O que deve ser feito depois? De quanto você vai precisar em termos de tempo e dinheiro? Do lado direito do círculo, escreva o que vai precisar fazer depois de realizar seu sonho. Sim, o sonho dá trabalho até depois de realizado. Há que se fazer um álbum de fotos da viagem e, talvez, pagar mais algumas parcelas; há que se entregar o trabalho final do curso ou fazer alguma coisa nova para aproveitar o que aprendeu; há que se desfazer da embalagem da coisa comprada e providenciar um lugar para ela na casa.

Lavando a alma

Quando a gente retoma o contato não atrapalhado com o outro, de vez em quando tem uma recaída. As coisas voltam a não dar certo e você corre o risco de se lamentar e culpar Deus, o diabo e o destino, mas principalmente culpar os outros. Responsabilizar o outro pelo que não está dando certo para você é o cúmulo do “atrapalhamento” alheio, e é importante você perceber e se livrar disso o quanto antes. Como?

Escrevendo, ora pois.

Pegue aí mais uma folhinha em branco, meu amigo, porque ela é sua máquina de lavar a alma, e o sabão líquido é a tinta de sua caneta.

Comece aí anotando, no topo da folha, a forma como está se sentindo em relação a algo que o está incomodando ou que o incomodou hoje. Por exemplo, “FIQUEI IRRITADO porque cheguei na casa de fulano para lhe mostrar um livro e FULANO SÓ FOI ME DAR ATENÇÃO MEIA HORA DEPOIS”. Parece fácil, mas há que se ter muita atenção a si mesmo para anotar o sentimento certo. Claro que, depois dos exercícios que já fizemos, talvez já seja fácil mesmo.

Logo abaixo de sua sensação, divida a folha em duas colunas, fazendo um traço que NÃO vai até o final da folha. Tipo assim:

Sua sensação.



Na coluna à esquerda, escreva que pensamentos estão por trás de sua sensação. Por exemplo, “Eu não vou esperar por ninguém. Eu tinha marcado de ir e fulano deveria ter se programado. Quem ele está pensando que é? Tem que parar o que estiver fazendo para me atender...”. É o diabinho falando no seu ombro esquerdo. Deixe-o falar e vá anotando tudo na coluna da esquerda. Quando o diabinho já estiver satisfeito, deixe-o se encostar quieto e calado em seu pescoço.

Agora é hora de ouvir o anjinho. Apure os ouvidos porque sua fala é mais mansa, quase inaudível. Anote o que ele diz na coluna da direita. Ele pode lhe dizer algo assim: “Fulano tem seus afazeres. Posso aguardar que ele termine seu serviço para lhe mostrar o livro. Eu posso até aproveitar esse tempo para conversar com ele, saber das novidades. Ele pode me contar alguns causos e histórias antes de eu mostrar o livro para ele.” Agora seus ombros estão mais equilibrados, não estão? Deixe diabinho e anjinho descansando e vá para o final da folha.

Lá embaixo, escreva sua intenção para quando uma situação parecida se apresentar. Pode ser algo do tipo: “Da próxima vez que eu for visitar alguém e a pessoa me fizer esperar, vou auxiliá-la no que estiver fazendo e puxar conversa sobre as histórias de sua vida”.

Pronto, alma lavada. “Desatrapalhamento” feito. E quando uma próxima situação incômoda acontecer, você já sabe que tudo de que precisa é papel e caneta.



A escrita é uma prática fundamental para o bom desempenho da função de Agente de Leitura. O Agente terá que fazer uso da escrita para fins burocráticos, de planejamento e de registro. Pode ainda usar a escrita para fins criativos, não apenas “levando cultura” às comunidades atendidas, mas também trazendo a produção que circula de boca em boca nas comunidades que atende.

Um formador de Agentes precisa, ele mesmo, ter a escrita como prática. Este capítulo, escrito por mim e por vocês, teve por objetivo afiar essa nossa ferramenta nas mais variadas pedras da existência: cotidiano, sonhos, causos, contos, planos, confrontos.

Continuem escrevendo para que os Agentes de Leitura sejam também gente de escrita.

E antes do ponto final...

O 11º mandamento: não atrapalharás

Foi em uma segunda ou quarta-feira, pouco depois das quatro da tarde, que Luiza de Teodoro começou mais uma aula da disciplina A Arte na História. Dessa vez, seria uma aula aberta, em pleno pátio rodeado de cartazes com poemas e desenhos dos alunos daquela disciplina do curso de História, bem como de amigos convidados de outros cursos.

O pátio, local de encontro nos intervalos, passara a ser o ponto de encontro durante a aula; e isso só era possível porque a aula de Luiza, mesmo quando acontecia em uma sala, tinha sempre o tom e a cor de um pátio: passeio, dança, conversa, música. Naquele dia, o pátio externo refletiu o pátio interno de nosso peito: alunos, Luiza e quem mais passou e quis sentar no hexágono amarelo, à sombra do “poleiro” e das árvores que brincavam com o vento.

Em determinado momento, um aluno de Sociologia pediu a palavra e, com a devida licença de Luiza, perguntou: “Professora, o que a senhora fez para que isso acontecesse?” Por “isso”, o aluno se referia aos poemas, aos desenhos, ao violão, ao círculo de cadeiras, à pintura na parede: “CIRCUS”. Para Luiza, a arte na História não parava em um modernismo qualquer, continuava sempre, atravessava o agora, e nos incluía, poetas, pintores, cantores.

A pergunta ficou pairando um pouco no ar, como uma folha que se desprende do galho e vai caindo lentamente, sem pressa, sem susto. Todos nós esperávamos uma resposta espetacular de Luiza, um pequeno discurso sobre seu método de ensino, sobre as habilidades necessárias para mover seus alunos, motivá-los, inspirá-los. Era um daqueles momentos que lamentaríamos por não estar gravando em áudio e vídeo, porque Luiza proferiria palavras mágicas, entregaria o ouro, revelaria o abracadabra da educação.

Luiza sorriu, disfarçando a emoção que a pergunta lhe provocara, e falou em seguida. Não disse muito, não disse tanto quanto esperávamos, não disse, mesmo, quase nada. Falou uma frase apenas, com verdadeira modéstia: “Meu único mérito foi não atrapalhar.”

Ainda hoje fico pensando que, se ela tivesse feito um pequeno discurso, eu não me lembraria dele. Mas ela falou apenas essa frase, que me persegue sempre que o assunto é educação. De vez em quando, fico me perguntando se os mandamentos de Deus não seriam onze ao invés de dez. Sim, Deus deve ter dado um mandamento a mais para Moisés, um mandamento que ele não quis escrever nas tábuas porque talvez tenha pensado que era um mandamento só dele, um mandamento não para os fiéis, mas para seus pastores; não para os alunos, mas para os professores; não para os pacientes, mas para os médicos; não para o povo, mas para os governantes; não para os que supostamente recebem, mas para os que

supostamente dão; não para as famílias, mas para os Agentes de Leitura; não para os Agentes de Leitura, mas para seus formadores. Um mandamento simples assim: “Não atrapalharás”.

E não me pergunte o que Deus, ou Luiza quis dizer com isso. Cada um que se questione onde começa a própria atrapalhão.



Todos conhecem o velho ditado: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece”. Vocês, formadores, apareceram, então, os discípulos, os Agentes de Leitura, já estão prontos.

A tendência é entender que os discípulos estão prontos para aprender com o mestre, mas o ditado não tem complementos. O discípulo está pronto. Ponto. Pronto para tudo.

Os Agentes de Leitura, aqueles que supostamente serão formados, já estão prontos.

Cada um deles está pronto para garantir, a dezenas de famílias, o acesso ao livro, um dos bens mais importantes de nossa cultura. Pronto para retirar Clarice Lispector de seu estranho isolamento em um apartamento do Rio de Janeiro e levá-la para se sentar em um tamborete sob um sol de rachar no interior do Piauí. Pronto para apresentar um conterrâneo a outro, distribuindo obras regionais por diversos municípios de cada estado. Pronto para propagar livros com tudo o que eles têm dentro: visões do mundo, sentimento das coisas. Pronto para espalhar.

Cada Agente está pronto não apenas para levar, mas também para trazer. Pronto para ouvir e registrar a história passada de pai para filho, de avó para neta, no terreiro, no alpendre, na calçada, sob a Lua, ao lado do fogo. Pronto para fazer cada membro da família se sentir importante, participante da grande roda da vida. Pronto para reconhecer que a arte e a cultura não estão apenas no objeto produzido em gráfica, em fábrica, em ateliê. Pronto para bater palmas, para gritar “Bravo!”. Pronto para amearhar sementes, fios, lembranças e levá-los de volta, guardá-los sem guardar, para que outros, distantes, os peguem, os sintam, os vejam. Pronto para recolher.

Os Agentes, em conjunto, estão prontos para dinamizar a vida cultural dos municípios em que atuam. Prontos para fazer articulações entre equipamentos e espaços culturais. Prontos para integrar escolas, centros comunitários, bibliotecas, teatros, pontos de cultura. Prontos para viabilizar iniciativas culturais locais, promover eventos, publicar materiais. Prontos para permitir o acesso à produção e à expressão cultural. Prontos para fazer a comunidade se enxergar e ser vista além de si própria. Prontos para refletir. Prontos para espelhar.

Os Agentes já sabem que o ser humano é um: um mesmo variado. Sabem que cada pessoa tem seu destino marcado, mas não determinado, por seu corpo ou pelo lugar onde vive. Sabem que cultura de verdade está no falar e no fazer. Sabem que cultura é a partilha dos

símbolos, é viver em conjunto a dor e a alegria dos significados, é material e imaterial, é aquilo que a gente faz, pensa e sente quando nem percebe que está fazendo, pensando e sentindo, é um vaivém mesmo quando dá a impressão de estar parada. Os Agentes estão prontos para espalhar, recolher e espelhar cultura por meio dos livros e da leitura.

Os Agentes são uma ponte que eles mesmos atravessam. Eles estão prontos para se valer de todos os meios de difusão, não de maneira reprodutiva, mas criativamente. Prontos para buscar a criatividade da própria comunidade em que atuam. Prontos para ligações, intercâmbios, comunicações, diálogos e encontros. Prontos para exercitar o contato entre culturas, turmas, normas, modos de vida e visões de mundo por meio de experiências culturais e intercâmbio de linguagens artísticas.

Os Agentes estão prontos para gerar a socialização de acervos de livros, para promover experiências de leitura compartilhada, para fazer o resgate e o registro escrito de narrativas tradicionais. Prontos para, mesmo estando prontos para aquilo que se espera deles, reinventar a si mesmos. Prontos para se desaprontar e se reaprontar, se contar e se recontar. Prontos para ser mais que um pau-mandado, mais que um braço mecânico de governantes e professores universitários. Prontos para surpreender a todos, a nós e, principalmente, a si mesmos.



Então, qual a função de vocês, formadores? O que lhes resta fazer, já que os Agentes de Leitura já estão prontos?

A resposta é simples: Nada.

Repitam comigo: Nada.

Mais uma vez: Nada.

Feito um mantra: Nada, nada, nada, nada...

Inpirem: Nada.

Expirem: Nada.

Não há nada que vocês possam fazer. Pelo menos, nada no sentido convencional de ensinar a alguém alguma coisa. Não há o que ensinar, eles estão prontos.

Vamos adaptar a meditação...

Inpirem: Os Agentes de Leitura estão prontos.

Expirem: Eu, como formador, não posso fazer nada.

Inpirem: Eles estão prontos.

Expirem: Eu não posso fazer nada.

Repitam o suficiente para não restarem dúvidas.

Quando vocês tiverem atingido o nirvana, a iluminação, estarão prontos para ouvir o seguinte poema de Guillaume Apollinaire.

Cheguem até a borda, disse ele.
Eles responderam: Temos medo.
Cheguem até a borda, ele repetiu.
Eles chegaram.
Ele os empurrou... e eles voaram.

Entenderam? Ou ainda estão em transe meditativo?

Além de nada, existe uma única coisa que vocês podem fazer em relação aos Agentes: empurrá-los. Empurrem-nos do precipício para que voem. Porque eles estão prontos, mas talvez não saibam. Eles já podem voar, mas talvez tenham medo.

Empurrem-nos.

Tudo de que vão precisar é que eles confiem em vocês. O que talvez seja a parte mais difícil do trabalho. Se vocês estiverem tentando fazer alguma outra coisa, ao invés de nada, talvez seja quase impossível ganhar a confiança deles.

Cheguem até a borda, ele disse. E ele já estava lá, à borda. Os Agentes não vão se arriscar, a não ser que vocês tenham se arriscado antes. Vocês têm que estar à beira do precipício para que possam convidá-los. Vocês têm que sentir a vertigem para compreender o medo deles.

Cheguem até a borda, ele repetiu. Ele não se deixou abater pela primeira negativa. Os Agentes vão resistir, eles vão testá-los para ver se vocês também têm medo. Vocês têm que permanecer firmes, repetir o convite.

Eles chegaram. Os Agentes chegarão.

Vocês terão coragem de empurrá-los e correr o risco de matá-los?

Eles não são em número determinado. Mas não devem ser mais do que dois de cada vez. Porque ele só tem duas mãos para empurrá-los, e vocês também.

Você não precisará empurrar todos. Escolha bem os primeiros e, quando esses voarem, os demais saltarão sozinhos, sem a necessidade do seu empurrão.

O empurrão é uma força sem palavras. A palavra vale só para o convite até a beira. O empurrão é um gesto de poder, um exemplo. Não é um comando, é uma ação. Pode até vir com palavras, mas não é feito de palavras. O empurrão pode até parecer violento, assemelhar-se a um crime, a um assassinato. E vocês devem estar prontos para responder por ele. Precisam estar preparados para o fracasso, para o caso de não haver voo, mas queda. Vocês têm que sentir o frio na barriga, e é essa ansiedade que os preparará para escolher bem aqueles que vão empurrar primeiro. Todos estão prontos, mas pode ser que alguns não queiram abrir as asas. Não escolham esses, mesmo que só possam ter certeza da escolha quando a situação já for inevitável, quando eles já estiverem no ar. O risco deles é seu próprio risco. A vida de todos vocês, formadores e Agentes, está em jogo. A única certeza possível que podem ter é de que vocês mesmos já voaram antes.

Vocês já voaram antes, não é mesmo?

Então sabem do que estamos falando.

Nunca voaram antes?

Então aproveitem para pular junto com eles, aproveitando o impulso de seu próprio empurrão.



Estas páginas são nosso empurrão.

Como são bonitas as asas de vocês se abrindo.